

Discutindo as práticas do *body modification* e as possíveis produções das identidades dos jovens¹

Alessandra Amaral Silveira²
Carolina Braga Michel³
Méri Rosane Santos Silva⁴

Resumo

Neste artigo problematizamos a constituição das identidades dos jovens que investem nas práticas *body modification*, essas que são as tatuagens, os *piercings* e os dilatadores de orelha. Delimitamos nossa pesquisa numa escola de ensino médio, denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), localizada na cidade do Rio Grande/RS. Para realizar a coleta de dados, utilizamos como metodologia o Grupo Focal, que visa dar voz aos sujeitos sem ter a pretensão de julgá-las. As principais considerações que surgiram dos alunos foram em dois sentidos, no primeiro com o intuito de serem diferente e, em segundo, quando as realizam em lugares específicos, já almejando sua identidade enquanto futuros profissionais.

Palavras-chave: Corpo, *body modification*, identidade, jovens

Discussions on practices of body modification and possible production of identities of young people

Abstract

In this study, we discuss the constitution of the young people's identities who dedicate themselves to body modification practices, such as, tattoos, body *piercings*, and ear stretching. The research was conducted at the Federal Institute of Education Science and Technology in the state of Rio Grande do Sul (IFRS), located in Rio Grande, RS. We used the Focus Group to perform data collection, which aims to give voice to the subjects with no intention to judge them. The main considerations that arose from the students were in two ways, first of all, the intention of being different, and secondly, when they have their bodies modified, they choose a place that can be hidden for the workplace, considering an identity as future professionals.

Keywords: Body, body modification, identity, young people

¹ Este artigo faz parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação Educação e Ciências: química da vida e saúde na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

⁴ Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

INTRODUÇÃO

A relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a construir seu corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si.
(LE BRETON, 2003)

É através do nosso corpo que estamos em contato com o “mundo” que nos cerca. Podemos dizer que essa relação sujeito-sociedade implica na sua constituição e formação. Nesse sentido, é possível destacar que estamos em construção e isso também se aplica à produção da aparência, como coloca Le Breton (2003). Desse modo, nosso jeito de ser está diretamente ligado ao lugar em que estamos inseridos e ao corpo que buscamos produzir. No entanto, isso não significa que nos constituiremos de forma igual uma vez que cada indivíduo faz escolhas múltiplas, que dependem de “desejos” e “vontades”.

Nesse processo permanente de escolhas estamos construindo as nossas identidades. Segundo Bauman (2005, p.35), na modernidade “as identidades ganham livre recurso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”. Nessa concepção, as identidades são formadas conforme os desejos dos sujeitos e, para adquirir determinados jeitos de ser, precisam recusar outros, ou seja, “se fecha a porta para outras possibilidades” (BAUMAN, 2005, p.35), é um movimento de escolhas.

Para esse autor, na contemporaneidade, há inúmeros recursos para constituirmos nossas identidades, como por exemplo, o uso ou a recusa de determinadas maquiagens e cabelos, ou ainda, a opção de assumir ou não uma identidade *punk*, *emo* ou de “patricinha”, entre outras. É nesse sentido que buscamos problematizar neste artigo, o processo de construção das identidades dos sujeitos, de um grupo de jovens da cidade do Rio Grande/RS, as quais

serão articuladas com as possibilidades vinculadas às modificações corporais associadas ao *body modification*⁵.

Com isso, é possível salientar que nos últimos tempos, na sociedade ocidental, as modificações corporais vêm ganhando espaço entre os jovens. Facilmente encontramos garotos e garotas aderindo ao uso de tatuagens, *piercings* e dilatadores de orelha, que são consideradas práticas populares do *body modification*⁶. Esse termo remete às modificações corporais feitas voluntariamente e que, na maioria das vezes, são irreversíveis. Todos esses termos serão analisados, posteriormente, no tópico sobre modificação corporal, vinculada às práticas do *body modification*.

Para problematizarmos as questões referentes às modificações corporais e às identidades, utilizamos como caminho metodológico o Grupo Focal, que foi escolhido por não ter a pretensão de direcionar ou avaliar as respostas dos participantes, sendo caracterizado por proporcionar uma discussão aberta entre os participantes. O Grupo Focal tem a intenção de propiciar ao pesquisador, conforme Gatti (2005, p.11), “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagem e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham algum traço em comum”.

Nesse sentido, a autora fala da importância de haver algum tipo de “homogeneidade”, algum assunto, temática e/ou interesse entre os participantes, para que haja discussão no decorrer do encontro. Isto é, todos os convidados a participar do Grupo Focal precisam apresentar alguma característica em comum entre si, ou ainda, alguma vinculação com a temática proposta.

Para constituir o Grupo Focal deste trabalho foram convidados estudantes de uma escola de ensino médio denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - campus Rio Grande/RS. O traço em comum entre os jovens e que os ligava à temática investigada era que todos participantes possuíam alguma das práticas do *body modification* citadas anteriormente. O Grupo Focal que deu suporte para

⁵ Estamos utilizando o termo modificações corporais referindo as possíveis maneiras de intervenções ao corpo. Mas, para esse artigo a expressão *body modification*, será usada como sinônimo de modificações corporais.

⁶ Termo que engloba práticas de intervenção corporal relacionada aos *piercings*, tatuagens, dilatadores de orelha, escarificações etc.

criação desse artigo foi constituído por duas meninas e dois meninos, com idades entre quinze e dezessete anos⁷.

Delimitamos nosso *lócus* de análise no espaço da escola por ser um lugar que abriga uma diversidade de sujeitos e possibilita diferentes problematizações. Inclusive é importante destacar que a escola em que fizemos as discussões é focada em uma instituição que visa à formação profissional para o mercado de trabalho. Isso está demarcado na proposta político-pedagógica dessa instituição, no tópico “finalidade e características”, quando afirma que a instituição visa:

Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2008, p. 06).

Diante do objetivo proposto – discutir o processo de construção de identidades e as modificações corporais –, temos conhecimento que há várias maneiras de intervir sobre a corporeidade⁸, mas para esse texto centralizaremos a discussão apenas acerca das práticas do *body modification*. Sendo assim, nesse artigo, problematizaremos o que os jovens com modificações corporais relacionadas ao *body modification* dizem sobre elas.

Para darmos conta dessa discussão, este artigo foi organizado em três partes. Na primeira indicamos o caminho metodológico utilizado para realizar essa pesquisa e caracterizamos os participantes da mesma. Na segunda parte discutimos as questões referentes às modificações corporais, principalmente sobre as práticas do *body modification* e, ainda, sobre a constituição das identidades dos jovens. Por fim, realizamos a análise dos dados coletados

⁷ Apresentamos a proposta para duas turmas, colocamos nossa intenção em realizar o Grupo Focal em dois momentos, com estudantes que tivessem modificações corporais e com os que não tivessem. No entanto, somente os quatro estudantes se disponibilizaram a participar do grupo com modificação, outra duas meninas, apesar de usarem *piercing* optaram em participar do grupo sem modificação.

⁸ Essa intervenção sobre a corporeidade pode ser de diferentes maneiras: primeiro, as práticas que visam constituir o corpo tendo como suporte o padrão considerado ideal pela sociedade, tais como ser bonito, magro, jovem etc.; em segundo, os sujeitos que buscam romper com esse padrão de corpo, neste grupo podem ser considerados os Punks, os hippes e ainda os adeptos do *body modification*. E também há um terceiro grupo, os quais os indivíduos visam modificar seus corpos com o intuito de torná-lo o mais perto da ideia que se tem de “corpo original”. Essas maneiras de intervir sobre a corporeidade serão melhor explicadas ao longo do texto.

durante o Grupo Focal, destacando algumas questões que, ao “nosso olhar”, mereceram ser aprofundadas.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A opção pelo Grupo Focal deu-se pelo fato de acreditarmos ser a modalidade de pesquisa mais adequada para realizarmos a coleta dos dados, uma vez que os encontros possibilitavam discussões acerca da temática. Essa metodologia se caracteriza como um grupo de discussões em que os participantes não são incentivados a responder perguntas, como se fosse uma entrevista. Pelo contrário, eles debatem a temática abordada. Para tanto, os pesquisadores tentam criar um espaço de discussão em que os participantes sintam-se a vontade para dizer o que pensam sobre o assunto, sem terem suas falas julgadas. Isso já é salientado durante a explicação feita à eles do que é o Grupo Focal, destacando que todos os posicionamentos são considerados importantes, não havendo avaliação quanto a falas erradas ou certas.

Nesse sentido, Gatti (2005, p. 9) descreve que o Grupo Focal tem a função de “permitir emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados”. Assim, buscamos, com essa metodologia, problematizar com os jovens participantes da pesquisa, o que eles pensam sobre as modificações corporais. Para o registro da discussão optamos pela filmagem, o que possibilitou transcrever e analisar os dados coletados com maior acuidade.

Especificamente com relação a esta investigação, escolhemos o IFRS como a instituição escolar para a realização do Grupo Focal por duas questões: a primeira foi por sabermos de antemão que nesse espaço havia jovens com modificações corporais e, a segunda, foi pela acessibilidade, pois conseguimos, através do professor de educação física da instituição, a liberação e as condições favoráveis para a efetivação do Grupo Focal. Em nenhum momento optamos por essa escola pelo fato dela oferecer o ensino técnico, mas sim por haver jovens com modificações corporais. Participaram do grupo duas meninas e dois meninos, todos eles com alguma das modificações corporais relacionadas às práticas do *body modification* como, por exemplo, tatuagens, *piercings* e dilatadores. O grupo de discussão foi constituído por jovens com idades entre quinze e dezessete anos, que frequentavam o 1º e o 2º anos do ensino médio dessa escola, foi realizado 01

encontro contabilizando 04 horas de discussão⁹, com a possibilidade de retorno caso houve necessidade.

No que se refere às modificações corporais, os meninos do grupo se mostraram mais adeptos às tatuagens. Marcel¹⁰, aluno do segundo ano, possuía duas tatuagens, uma localizada no pulso e outra na perna; e Jordani, aluno do primeiro ano, possuía três tatuagens, uma no braço e duas na perna. Já as meninas possuíam *piercings* e dilatadores. Yasmin, aluna do primeiro ano, apresentava sete *piercings*: seis localizados em ambas as orelhas e um no nariz, e Natalia, também aluna do primeiro ano, apresentava duas modificações, um *piercing* na sobrancelha e um dilatador na orelha. Essa aluna relatou que possuía um *piercing* no lábio inferior, mas já havia retirado.

No encontro, para iniciar a discussão, foi feita uma apresentação para os participantes do grupo com imagens das principais práticas realizadas pelos adeptos do *body modification*, sem nenhum tipo de comentário ou descrição escrita ou oral, apenas foram mostradas as fotos. Esse recurso foi utilizado com o intuito de familiarizar o grupo com a discussão proposta.

Durante esse momento, e também na transcrição dos dados, algumas questões tiveram destaque e possibilitaram a consolidação dessa pesquisa. Para problematizá-las, no tópico a seguir, buscamos analisar as modificações e as relações com a produção das identidades juvenis, já que nossa discussão está focalizada nessas duas temáticas, ou seja, as práticas do *body modification* e a construção das identidades.

“ACHO QUE A PESSOA NÃO SE SENTE BEM COM SEU CORPO, SEI LÁ”

Cada indivíduo torna-se o gestor de seu próprio corpo
(COURTINE, 1995)

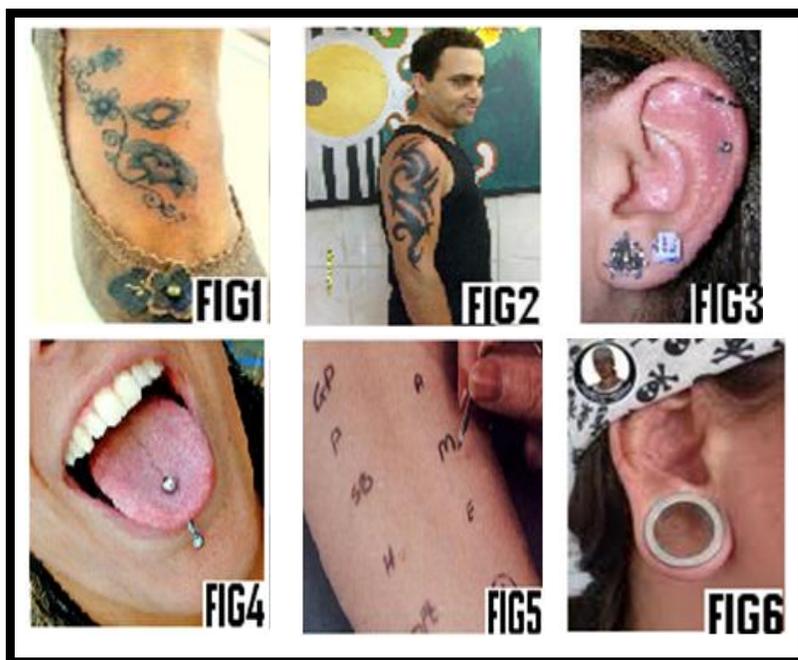
Mesmo sabendo da existência de outras maneiras de se relacionar com o próprio corpo, podemos dizer que estas práticas de modificações corporais produzem, entre outros efeitos, a identidade dos sujeitos. No entanto, para esse

⁹ Toda a filmagem foi transcrita com a intenção de buscar as recorrências nas falas dos jovens, as questões que mais emergiram durante a conversa.

¹⁰ Os nomes não são verdadeiros e foram substituídos por nomes fictícios, escolhidos pela pesquisadora, para preservar os jovens, pois são todos menores de idade. Para participar da pesquisa realizamos três termos de autorização que foram devidamente assinado respectivamente pelo responsável do aluno, outro pelo aluno e, por fim, pelo professor da disciplina, que nos disponibilizou o período para a realização do Grupo Focal.

texto, problematizamos as identidades associadas às práticas do *body modification*. Essa prática é conceituada por Pires (2005) como o uso de técnicas que possibilitam ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias.

Várias técnicas caracterizam e constituem o *body modification* e são classificadas conforme suas formas de intervenção sobre o corpo. Urbin e Grassetti (2005) as classificam como: a) as populares e conhecidas e b) as radicais e menos conhecidas. Entre as práticas do primeiro grupo, temos as *tatuagens* (fig. 1 e 2), que são aplicações subcutâneas realizadas através da introdução de pigmentos por meio de agulhas; os *piercings* (figs. 3 e 4), que se caracterizam por perfurações de diversas partes do corpo, com a intenção de introduzir peças de metal; as *escarificações* (fig. 5), que são feitas pela fabricação de cicatrizes, com intenções espirituais - como é comum em tribos africanas - ou para embelezamento; e os *alargadores* (fig. 6), que são pinos de aço inox, madeira ou pedra, que são usados para alargar o lóbulo da orelha ou de outras partes do corpo.



Fontes: imagens do Google.

Já no segundo grupo, práticas radicais e menos conhecidas, temos: o *branding* (fig. 7), que é a aplicação de metal aquecido na pele deixando uma queimadura que, eventualmente, se transforma em uma cicatriz; o *tongsplit* (fig. 8) - a bifurcação da língua é um procedimento cirúrgico que divide parte da língua em duas, dando a aparência de uma língua de lagarto ou cobra, e com o tempo, é possível mexer as duas partes individualmente; o *implante subcutâneo* (fig. 9), que consiste em inserir objetos, que podem ser de vários materiais - silicone, plástico, osso, metal - e formatos, sob a pele, criando um relevo; *pocketing* (fig. 10), que é considerado uma anti-perfuração, em que parte do material utilizado fica sob a pele e outra – podendo uma barra ou uma fita – fica exposta; e, por fim, a *suspensão corporal* (fig. 11), que consiste em pendurar a pessoa com ganchos, inseridos como *piercings* temporários, e suspê-la pela pele durante um período de 20 a 30 minutos. Para seus adeptos a suspensão não é considerada como uma modificação corporal, e sim um esporte radical.



Fontes: imagens do Google.

No sentido de analisar as práticas do *body modification*, Ortega (2006) afirma que elas são vistas com *mainstream*¹¹ ou *nonmainstream* pela sociedade, demarcando quando a ação é socialmente aceita ou não. Segundo o autor, a aceitabilidade acontece quando as práticas são apropriadas por um grande número de indivíduos. Nessa perspectiva, os *piercings*, as tatuagens e os dilatadores já se tornaram *mainstream*, pois são práticas aceitas e até mesmo cobiçadas. O que não é o caso das práticas denominadas por Urbin e Grasseti (2005) como radicais, pois em muitos contextos elas são vistas de maneira negativa, “desnecessárias” e até mesmo como indesejáveis.

Nessa direção, apresentamos algumas colocações que surgiram durante as discussões do Grupo Focal em que os participantes, mesmo tendo modificações corporais, confirmam as reflexões do autor de que determinadas práticas são mais aceitas do que outras. Para os participantes da pesquisa, as modificações corporais como os *piercings*, as tatuagens e os dilatadores são mais aceitas e desejadas do que as consideradas radicais. Confirmando esta análise, os jovens emitiram as seguintes opiniões:

“Depende da modificação. O piercing e a tatuagem eu particularmente acho legal. O alargador dependendo do lugar é legal, mas eu já não acho legal para mim. Passando disso eu já acho um pouco demais. O implante eu já acho demais. Aquela coisa de botar os filzinhos (pocketing) para mim já é passado. Mas a tatuagem com certeza é uma coisa muito legal” (Marcel)¹².

“Piercing, tatuagem, dilatador tudo bem, mas essas outras coisas já é de mais” (Jordani).

Nessas falas percebemos certa vinculação ao que Ortega (2006, p. 50) menciona ao salientar que há modificações tidas como comuns e, conseqüentemente, mais aceitas socialmente do que outras. Isso, conforme o autor, acontece porque “determinadas práticas são incorporadas na sociedade de consumo, virando artigos cosméticos ou ornamentais”. Todavia, não devemos desconsiderar que determinadas práticas já estão consolidadas pelos

¹¹Não possui uma tradução literal para esta expressão, mas podemos entendê-la, nesse contexto, como a integração, a aceitação de alguma coisa ou de alguém ao grupo dominante. Nesse caso, refere-se à aceitação das práticas identificadas como as mais populares do *body modification*.

¹²A partir dessa parte do texto todas as frases que estão em itálico e entre aspas são as falas dos participantes do grupo focal.

sujeitos mesmo antes de terem sido capturadas pelo mercado do consumo¹³, ou seja, elas já estavam legitimadas e o mercado, ao perceber este movimento emergente, se apropria de determinadas práticas, investindo na sua mercantilização e tornando-a mais aceitável.

Nesse sentido, as modificações corporais podem ser consideradas práticas bastante propícias para construir as identidades, já que elas possibilitam, nesse caso, aos jovens se afastarem ou se aproximarem daqueles atributos sociais que os localizam no mundo e definem um modo de ser e estar na sociedade. “Os investimentos na imagem corporal contribuem para a construção da identidade dos jovens, confere-lhes uma expressão simbólica de poder, uma vez que diferenciam entre si através de atributos distintos” (PAIS, 2006, p. 19).

Diante da problemática que nos propusemos a abordar, recorremos às palavras de Silva (2000, p. 6), para destacar que a “identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Assim, entendemos que identidade é um conceito que não tem uma única definição, pois está diretamente relacionada a questões culturais e a determinados contextos. Portanto, “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (ib, p.8).

Além disso, temos que considerar que as identidades não são fixas, prontas e acabadas (WOODWARD, 2000), o que possibilita que as pessoas estejam sempre em busca de outras maneiras de se constituir. No caso do *body modification*, podemos considerar, a partir das falas dos jovens envolvidos na pesquisa, que o investimento nestas práticas é realizado, muitas vezes, com o intuito de produzir identidades baseadas no enaltecimento ou não da “diferença”. Nesse sentido, é elucidativa a fala de Natália:

“Eu faço para ser diferente, mas tatuagem, piercing e alargador quase todo mundo tem. Então, não tem como ser tão diferente assim” (Natalia).

Através da colocação da jovem é possível inferir que esse “diferente” é caracterizado como temporário, pois quando um número significativo de pessoas adere a essas práticas tidas momentaneamente como diferentes, elas

¹³ Foi o que aconteceu com as práticas do *hip-hop*, do *surf*, e é o que pode estar acontecendo com as práticas do *body modification*

perdem esse caráter e, muitas vezes, os jovens buscam outras maneiras de se diferenciarem dos demais, entendendo que essa condição está sempre em movimento. Mas devemos considerar que as práticas do *body modification* também são uma das maneiras de produção dos sujeitos, os quais procuram intervir na corporeidade com o intuito de romper com o padrão de corpo incentivado pela sociedade.

Nesse sentido, Ortega (2006) problematiza essa transitoriedade associada a determinadas práticas, quando as mesmas são assumidas por uma parte significativa da sociedade, produzindo “novas” práticas, ainda não capturadas pela sociedade. Essa transitoriedade nas práticas de modificação corporal é o efeito de uma necessidade inventada de aderir artefatos tidos como exclusivos, para confirmar o desejo da diferença, como no caso das tatuagens, *piercings* e dos dilatadores. Os jovens narram que “todo mundo” está fazendo, mas mesmo assim são considerados demarcadores da diferença.

Diante disso, percebemos a vontade destes jovens em construir suas identidades focando-se na diferença. Eles buscam produzir seus corpos com o intuito de serem diferentes diante da uniformização em que estão inseridos. De acordo com Woodward (2000, p. 11), “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições dos sujeitos”, ou seja, é através do desejo de querer ser diferente que, principalmente, os jovens investem em outros jeitos de construir sua corporeidade e, assim, apresentam outros estilos de ser e agir.

Para darmos sequência a esta análise, gostaríamos de destacar que existem espaços privilegiados para a constituição das identidades, entres estes espaços está a escola, pois é uma instituição em que a diversidade de possibilidades e de relações é bastante presente, permitindo uma constante troca de experiências. Hall (2000) aponta que as identidades são produzidas e intercambiadas entre os membros de uma cultura, nesse caso, a escolar. Isso se dá porque “a escola é um espaço de relações sociais e não somente [um] espaço cognitivo” (SILVA e SOARES 2003, p.90). Sendo assim, a instituição escolar é marcada pela amplificação das possibilidades de produção das identidades, já que há uma gama de diferentes sujeitos que transitam por seus espaços e de distintas interações entre eles.

Para contextualizar esta investigação, aproximando-a da análise sobre a produção das identidades a partir das modificações corporais realizadas por jovens que transitam pela escola, a instituição em que realizamos a pesquisa possui um elemento importante para esta análise. Por se constituir em um

estabelecimento de educação e profissionalizante, o IFRS é um espaço que se destina a desenvolver saberes relacionados especificamente à formação profissional e à inserção dos alunos no mercado de trabalho.

A ação de tornar os sujeitos responsáveis e preparados para o mercado de trabalho é uma condição que transita diretamente pela disciplina, que é caracterizada por Foucault (2008a p. 118), como sendo os “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. Corpos dóceis e úteis é um efeito da disciplina, esse investimento acaba sendo favorável, também, para o mundo do trabalho.

Considerando que esse investimento na disciplinarização (FOUCAULT, 2008a) dos sujeitos foi algo recorrente na fala dos participantes da pesquisa iremos problematizar essa necessidade de produzir indivíduos úteis para a sociedade, ditando também qual a ideal aparência que um profissional deve apresentar para poder ingressar no mercado de trabalho, principalmente, para os que têm interesse em aderir determinadas práticas do *body modification*.

“NINGUÉM VAI PROCURAR EMPREGO DE BERMUDA”

Para a organização dos grupos optamos em diferenciá-los chamando-os de o grupo “sem modificação” e “os modificados”, sendo que o segundo participou desta pesquisa. Tal denominação deve-se ao fato de os integrantes possuírem algumas das práticas do *body modification*. Durante a apresentação que deu início ao debate desenvolvido no Grupo Focal, os jovens mostraram-se bastante incomodados com as modificações classificadas por Urbin e Grasset (2005) como radicais, principalmente, as meninas. Embora possuindo algumas das práticas apresentadas, em determinado momento os participantes do grupo demonstraram espanto sobre as modificações radicais, produzindo, inclusive, julgamentos negativos sobre tais práticas, assumindo a mesma postura de pessoas que eles criticam por condenarem as práticas aderidas por eles. Esse incômodo por parte dos alunos demonstra o mesmo movimento apresentado pela sociedade que valora negativamente as modificações corporais, ou seja, aquilo que os sujeitos que participaram da pesquisa denunciam e problematizam é presente/aparece em seus posicionamentos referentes às práticas radicais. Essa negatividade social às práticas do *body modification* foi justificada pelos participantes do Grupo Focal através da preocupação com o futuro. A partir dos momentos de discussão foi possível evidenciar que as modificações que eles realizaram em seus corpos foram feitas em lugares que atendessem essa preocupação com o futuro profissional.

Isto é, os participantes relataram, por exemplo, que fizeram as tatuagens, mas as colocaram num lugar escondido, como no peito, na perna, nas costas, com o objetivo de não terem problemas quando forem procurar emprego.

Nesse momento percebemos atuando o investimento das instituições escolares no processo de “disciplinarização dos sujeitos” (FOUCAULT, 2008a), já que através dela pode se impor valores e condutas para tornar os indivíduos dóceis e produtivos. Mesmo não sendo foco de análise desse artigo - a questão sobre a disciplinarização dos corpos e como a escola investe nela - é interessante citá-la, porque durante as discussões percebemos essa estratégia sendo operada nas falas e nas ações dos jovens investigados. Ou seja, o fato de escolher determinados lugares no corpo para realizar as modificações corporais é um reflexo desse processo de disciplinarização, pois tem a preocupação de direcionar esses jovens para o mercado de trabalho. Nesse sentido, os alunos foram atravessados pelos considerados “efeitos ruins, negativos” que as modificações podem gerar ao serem colocadas “em qualquer lugar”. A partir disso, eles afirmaram que:

“Tem que ser uma coisa bem pensada, por que a modificação corporal é uma coisa que sofre muito preconceito. Eu sou uma pessoa que gosta muito de tatuagem eu quero até conseguir um emprego bom, por isso eu vou tatuar lugares que eu possa esconder. Se tu chegas numa entrevista de emprego com tatuagem no braço ou na mão tu já vais sofrer vários preconceitos. Então tem que ser uma coisa muito bem pensada” (Marcel)

“Ninguém vai procurar emprego de bermuda” (Jordani)

As falas mostram que mesmo esses jovens tendo sido interpelados pelo discurso¹⁴ das modificações corporais, eles buscam recursos para não terem problemas quando desejarem entrar no mercado de trabalho. “Na maior parte do tempo, o prazer em selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo” (BAUMAN, 2005, p.45), é possível relacionar essa ideia abordada pelo autor ao fato de se desejar aderir às modificações corporais, porém, muitas vezes, esta adesão é permeada pelo medo. Nesse sentido, o receio de

¹⁴ Entendemos o conceito de discurso a partir de Foucault, que nos propõe pensá-lo como “(...) nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado o seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si” (2011, p.49)

serem preteridos quando estiverem buscando emprego por terem aderido a essas “identidades estimulantes”, foi resolvida pelos jovens com a ação de fazer as tatuagens em locais que as mesmas podem ser escondidas.

Já as meninas adeptas aos *piercings* e aos dilatadores também justificaram a escolha por essas modificações corporais em função da empregabilidade. Elas argumentaram da seguinte maneira as suas decisões:

“Tipo assim, o piercing eu posso tirar. E se tirar não fica nem marca. Uma vez eu perdi e no outro dia já estava fechado, aí eu fui lá e furei de novo. Quando eu botei o piercing com 13 anos. Eu pedi para minha mãe, falei para ela: - eu coloco agora e quando fizer 18 anos eu tiro para procurar emprego, aí ela deixou” (Yasmin).

Além da empregabilidade, outra questão que se destacou durante as discussões foi a da relação de poder com os pais, pois como todos os jovens possuem algum tipo de modificação corporal, eles precisaram, em determinado momento, negociar com os pais a realização das mesmas. Os participantes mencionaram que quando aderiram aos *piercings*, às tatuagens e aos dilatadores, os pais tiveram um papel importante na decisão tomada por eles, ou seja, esse processo foi atravessado pelo julgamento, pela aceitação e pelos jogos de poder¹⁵ e de resistência estabelecidos entre eles e os pais, possibilitando ou não a realização das práticas desejadas pelos alunos.

Os alunos destacaram que, na maioria das vezes, os pais não gostam das modificações corporais e, a partir disso, inicia-se um conflito de interesses. Diante disso, são nas relações que o poder e, conseqüentemente, as resistências se manifestam. Assim, é preciso considerar que onde há “poder há resistência” e que todas as ações são constantemente atravessadas por relações de poder. (FOUCAULT, 2008b). Nesta perspectiva, as relações de poder se dão na horizontal, ou seja, o poder não é pertencente exclusivamente a um dos sujeitos, o que o colocaria em condição superior ao outro. Pelo contrário, as relações se estabelecem entre os sujeitos em forma de rede. Portanto, poder e resistência fazem parte do mesmo processo, isto é, quando uma ação de poder

¹⁵“Em si mesmo o poder não é violência nem consentimento o que, implicitamente, é renovável. Ele é uma estrutura de ações; ele induz, incita, seduz, facilita ou dificulta; ao extremo, ele constrange ou, entretanto, é sempre um modo de agir ou ser capaz de ações. Um conjunto de ações sobre outras ações” (FOUCAULT, 2008, p. 220).

se estabelece sempre haverá a possibilidade de resistir. Nas palavras do filósofo

a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2008b, p. 241).

A partir dessa concepção, podemos dizer que os meios de burlar as ações de poder estão diretamente ligados à resistência. Para isso acontecer, investe-se em determinadas “estratégias de enfrentamento”¹⁶. Estratégias essas que puderam ser observadas durante as discussões no Grupo Focal:

“Olha a minha primeira tatuagem eu fiz escondido da minha mãe, fiquei quase um mês escondendo. Um dia eu cheguei e mostrei. – O guri tu ta louco e agora tu não vai arrumar emprego” (Jordani)

A partir desse exemplo é possível evidenciar como as estratégias de enfrentamento dos alunos operavam no jogo de poder estabelecido com os pais: em virtude da negação dos pais à realização da modificação corporal, Jordani esconde a realização da tatuagem. Nesse sentido, ressaltamos as palavras de Louro (2004, p. 81) que indica que a resistência “pode ser negada ou desviada”.

Foucault (2008a) sustenta ainda, que os jogos de poder se caracterizam como “ações sobre ações”, o desejo dos jovens de realizar uma modificação corporal produz como efeito a resistência dos pais, que gera estratégias de enfrentamento nas relações entre os pais e os filhos. A seguir, apresentamos dois exemplos que corroboram tal assertiva. No primeiro, identificamos um jogo entre negociação e ameaça, e, no segundo fragmento, podemos notar um outro tipo de estratégia de enfrentamento, que teve como objetivo impedir ou prorrogar a adesão às práticas.

“A minha mãe falou que a próxima tatuagem que eu fizer ela vai me bater de verdade. A primeira foi um trato, se eu passasse no CTI (IFRS) ela deixava eu fazer” (Marcel)

¹⁶ São mecanismos utilizados nas relações de poder, sempre enfocando a “escolha de soluções ganhadoras” é o investimento em determinadas ações objetivando atingir o que se deseja. (CASTRO, 2009, p.152).

“Quando eu coloquei um transversal na orelha, cheguei em casa e o meu pai falou. – Se tu não tirar essa porcaria da orelha não vou te dar um celular novo. Pensei depois eu coloco outro” (Natalia)

Portanto, constata-se que os pais são personagens centrais nesta ação de realizar ou não as modificações corporais. Em alguns momentos, a decisão dos pais é determinante, pois os participantes da pesquisa são menores de idade e sem o aval dos responsáveis, segundo os jovens, é quase impossível realizar uma modificação, pelo menos em locais credenciados. Nas relações estabelecidas entre pais e filhos percebemos a existência de relações de resistência, através de estratégias de enfrentamento e das negociações, tanto dos pais quanto dos alunos, sendo que esses, muitas vezes, demonstram-se “surpresos” ou inconformados com a rejeição dos pais às práticas do *body modification*. Esse aspecto pode ser observado na fala de Natalia:

“Eu sei que minha mãe e meu pai odeiam piercing, tatuagem ou qualquer coisa. Eles acham horrível e tem muito horror, eles odeiam. Tatuagem porque depois vai ficar feio e a pele fica suja. Não gostam de piercing porque fica marcado. Na real eu nunca entendi direito porque eles não deixam eu fazer piercing, e o que eu mais gosto é uma coisa que como a Yasmim falou tu tira e depois cicatriza. Mas não sei porquê eles não gostam”(Natalia)

Mais uma questão que emergiu a partir das discussões do Grupo Focal foi a questão do arrependimento de fazer uma modificação corporal. Esse sentimento se deve, especialmente, porque as práticas do *body modification* são irreversíveis. No caso específico dos participantes da pesquisa, o caráter de irreversibilidade foi associado somente às tatuagens, como se as outras práticas relacionadas ao *body modification* não deixassem marcas no corpo. Isso pode estar vinculado ao fato de que os *piercings* e dilatadores podem ser removidos. Inclusive, essa foi uma das principais justificativas apontada pelas meninas que participaram do grupo para não realizarem as tatuagens.

“A tatuagem eu não faria porque tenho medo de me arrepender. E se não der certo? Se eu não gostar do desenho? (Yasmin).

Pelo que foi analisado, o arrependimento está vinculado a duas questões: a primeira, à pretensa volatilidade dos desejos e anseios dos jovens, pois para os participantes desta investigação as pessoas “mudam com o tempo”. Com relação a isso, identificamos que o fato de se arrepender está associado à modificação corporal em si, principalmente com relação à tatuagem, e ao desenho escolhido. Nesse sentido, Marcel afirma que:

“Uma pessoa de treze anos não deve fazer porque não tem cabeça, porque aquilo ali vai ficar na tua pele para sempre. Tu podes fazer uma coisa sem pensar e fazer uma coisa idiota. Por exemplo, hoje eu gosto de Naruto¹⁷, mas quando eu tiver 20 poucos anos posso achar esse desenho muito idiota, hoje eu faria uma tatuagem com o personagem desse desenho, o que provavelmente me arrependeria mais tarde.” (Marcel).

A segunda questão produtora de arrependimento diz respeito aos efeitos gerados pela realização de uma modificação corporal. Neste aspecto, o argumento da empregabilidade é retomado, ou seja, os participantes da pesquisa pontuam que possuir modificações corporais pode vir a comprometer o seu ingresso no mercado de trabalho. Como a preocupação deles é focada na tatuagem, eles ressaltam que uma forma de diminuir este efeito no seu ingresso no mercado de trabalho é ter muito cuidado na escolha do local onde realizá-la. Por isso, segundo eles, a tatuagem não pode ser feita em qualquer parte do corpo, já que não há a possibilidade de retirá-la, mas é possível escondê-la.

Sobre esse medo de ser recusado em determinados lugares por causa dos demarcadores identitários, Bauman (2005, p. 46) destaca que “você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas e construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Nesse sentido, podemos dizer que o mercado de trabalho vai demarcando a corporeidade do seu futuro trabalhador; apresenta de antemão a identidade social que o sujeito deve ter para poder fazer parte do quadro de funcionários que se deseja construir em uma empresa. E para os sujeitos que participaram dessa pesquisa, as modificações não são bem vistas em alguns espaços tidos como “formais” e eles aceitam isso como uma “verdade dada”. É o que afirma Marcel na seguinte fala.

“A tatuagem é uma coisa que precisa pensar muito antes de fazer para depois não se arrepender, principalmente, quando for procurar emprego, nesses lugares as pessoas têm muito preconceito com as modificações corporais” (Marcel)

Essa aceitação de determinadas situações é bastante comum em nossa sociedade, pois diariamente nos deparamos com questões que são tidas por nós como inquestionáveis, são verdades impostas e que normalmente nem suspeitamos sua veracidade. Nesse sentido, Foucault nos provoca a questionar e a pensar sobre essas verdades que são impostas

¹⁷ Naruto é uma série japonesa, que foi transformada em desenho animado e, em 2007, começou a ser passada no canal aberto brasileiro, tornando-se uma mania entre crianças e jovens.

Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesma, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises, algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer formas, não podem ser mais admitidas (FOUCAULT, 2002, p 29).

Sobre as verdades, é interessante recorrer as análises desse filósofo, pois encontramos subsídios que nos levam a pensar sobre a intencionalidade atribuída aos discursos, e que raramente os questionamos, apenas os aceitamos. Percebemos essa recorrência nas falas dos alunos que participaram desta investigação, pois foram impostos a eles que as modificações corporais são sinônimo de discriminação e/ou preconceitos, e eles tomaram esse discurso como uma verdade absoluta, por isso, recorrem a determinadas estratégias quando resolvem aderir a uma identidade corporal que enfoca na modificação através das práticas do *body modification*.

Diante de tudo isso, ressaltamos novamente, uma das principais funções dessa instituição que é a de investir nos alunos para se tornem sujeitos aptos a ingressarem no mercado de trabalho. Nas IFRS, essa característica é fortemente enfocada, pois há desde o ingresso do aluno na escola ou, até mesmo, antes do processo de seleção, um direcionamento para que as identidades desses jovens sejam produzidas para o mercado de trabalho. Esse processo se dá através de determinadas verdades, com relação ao corpo ela é imposta apresentando um tipo de “perfil ideal”, ou seja, não é aconselhado que tenha modificações corporais, já que deve ser asséptico, pois se procura um trabalhador com “boa aparência e saudável”. Sendo assim, o sujeito necessita possuir um padrão corporal, socialmente aceito, e essas concepções, de qual tipo de aparência é mais admissível pelo mercado de trabalho constituem os alunos que buscam uma vaga nessa instituição.

Durante o Grupo Focal perguntamos se eles tinham interesse em produzir mais modificações corporais. Somente a Yasmim disse que não gostaria de ampliar as intervenções em seu corpo e que estava satisfeita com os seis *piercings* que tinha. Os demais colocaram que sim, afirmando que:

“Eu só estou esperando fazer dezesseis anos, por que é a maior idade do piercing. Pelo menos os que eu quero colocar com essa idade já pode – nariz e lábio inferior” (Natalia).

“Eu já estou procurando a quarta, o que dificulta é a grana”
(Jordani)

“Eu tenho vontade de tatuar tudo menos o rosto e as partes baixas. Mas por enquanto é só vontade, por que a minha mãe não deixaria mais” (Marcel)

Através dessas falas podemos perceber que, mesmo com todas as preocupações apresentadas ao longo da discussão, os sujeitos da pesquisa ainda demonstram interesse em ampliar as modificações corporais. O que demarca que, independente das futuras consequências, eles foram interpelados pelo desejo de modificar seus corpos. E através dessas práticas eles estão constituindo suas identidades, seja no sentido de “ser diferente” ou ainda na busca pela identidade profissional, pois utilizam artifícios para burlar os prováveis preconceitos que eles enfrentariam ao ingressar no mercado de trabalho, e assim investem nas modificações corporais para constituírem seu jeito de ser.

FINALIZANDO...

Ao realizar o Grupo Focal com jovens que aderiram às modificações corporais, percebemos que eles foram interpelados pelo discurso das práticas denominadas como populares do *body modification*, mais especificamente as tatuagens, os *piercings* e os dilatadores. Além disso, os participantes desta investigação dizem rejeitar as práticas consideradas radicais, o que é interessante, pois ao mesmo tempo em que eles criticam a sociedade que se manifesta contrária as práticas, as quais eles aderiram, esses alunos fazem o mesmo com as modificações que eles julgam fora do padrão, alegando que são “demais”.

Constatamos também que os jovens que participaram do Grupo Focal veem nas modificações corporais uma maneira de construir suas identidades e assim, relacionam às práticas do *body modification* outras formas de ser “jovem”, alegando ainda, que investem nelas com o intuito de “serem diferentes”. Mesmo declarando que “todo mundo”, nos últimos tempos, está fazendo uso dessas modificações corporais, esses jovens, ainda veem nelas, mesmo que de forma temporária, uma maneira de se constituírem diferente de outras pessoas.

Mesmo diante do desejo e da realização das práticas corporais, duas inquietações estiveram bastante presente nas falas dos alunos que

participaram. A primeira é com relação ao mercado de trabalho, pois eles acreditam que pessoas com modificações corporais sofrem discriminação quando buscam um emprego. Nesse sentido, eles têm medo de prejudicarem o seu futuro por causa de atos realizados durante a juventude e, por isso, buscam fazer modificações corporais que possam ser revertidas e/ou que produzam poucos efeitos – como é o caso dos *piercings* – ou, ainda, realizam as modificações, como a tatuagem, em locais em que possam ser escondidas. Fica bem demarcado que já há uma preocupação com a construção da identidade enquanto profissional. Isso pode estar atrelado, principalmente, ao fato de que a instituição que frequentam é uma escola pautada na educação tecnológica, e ter preocupação, portanto, com a preparação para o mercado de trabalho.

Esse é um fato relevante de ser destacado, ou seja, o Grupo Focal foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, e por isso, suspeitamos que algumas questões que se destacaram na discussão dos participantes, como a preocupação com a empregabilidade, está diretamente vinculadas ao fato de ser uma instituição que visa a formação profissional dos alunos, sendo que, possivelmente, esses sujeitos foram interpelados pelos discursos dessa escola e já estão produzindo suas identidades de futuros trabalhadores.

Outra questão que emergiu durante as discussões está relacionada a questão do arrependimento, principalmente, no que se refere às tatuagens. Os participantes dessa investigação enfatizaram que se deve “pensar muito antes de realizar” essa prática especificamente, já que depois “não se pode voltar atrás”, pois é uma ação ainda considerada irreversível. Além disso, associaram esse sentimento ao fato de correrem o risco de “enjoarem do desenho”, demarcando a instabilidade das decisões, característica atribuída ao jovem.

Sobre as relações de poder e as estratégias estabelecidas entre pais e filhos constatamos que o poder não é algo imposto. Nesse momento ficou demarcado que as relações de poder, conforme Foucault (2008a), não são de dominação, já que através de artifícios ambos os sujeitos (pais e filhos) conseguiram, em determinados momentos, impor suas vontades e desejos, é essa rede que caracteriza as relações de poder.

Sendo assim, é possível pontuar que os jovens da pesquisa apresentaram grande interesse sobre as práticas populares do *body modification*, isso demarca o culto ao corpo, momento marcado pela modernidade, pois somos “convidados” a intervir sobre ele. Os participantes demonstraram que as

modificações corporais podem ser um recurso utilizado para produzir determinadas identidades corporais e juvenis.

Por fim, destacamos que são nas relações de poder entre os desejos individuais e dos familiares - sustentados, muitas vezes, no argumento da empregabilidade-, que os sujeitos vão constituindo suas identidades enquanto jovens interessados em se tornarem, mesmo que momentaneamente, diferentes, sem deixar de se focar na produção de suas identidades profissionais. Partindo da concepção de que o indivíduo se constitui através da sua corporeidade, permanece a necessidade da discussão de que se “pode” e se “deve” intervir no corpo, mas sempre com a “preocupação” em estar dentro das dos padrões “aceitos socialmente”, pois para os participantes da pesquisa quando isso não acontece o seu futuro profissional pode ser comprometido.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo. In: Sant’Anna, Denise. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995,

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal Ed 2008b.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 21ª edição, 2011.

GATTI, Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Antropologia e Sociedade. São Paulo: Papirus. 2003.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2004.

MALYSSES, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **O nu e o vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARGULIS, Mario. e URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de la juventud. In: CUBIDES, H.J., TOSCANO, M. C. L., VALDERRAMA, C. E. H., (ed) Viviendo a toda – **Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá, Paidós, 1998.

PAIS, José Machado. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens - novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens - novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIRES, Beatriz. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Rosimeri e SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana e LOURO, Guacira (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Ed: vozes, 2003.

URBIM, G. & GRASSETTI, B. Navalhas na Carne. **Revista Superinteressante**. São Paulo: abr -mai, 2005, p. 68-71.

WOODWARD, Kathryn, Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 04/03/2016
Aprovado em 06/08/2016